

## As emoções em Libras: uma análise da conversa entre *Youtubers*<sup>1</sup>

Isabelle A. L. Souza<sup>2</sup>  
 Maria das Graças Pereira<sup>3</sup>


**Resumo:** As emoções fazem parte da vida social, e podem ser analisadas discursivamente através de práticas sociais. Os sentimentos são inerentes a todos os seres humanos, mas as formas como eles expressam ou significam os sentimentos nas relações sociais são sensíveis ao contexto situacional e sociocultural. O presente estudo analisa as emoções na interação, no contexto da rede social, na interação em Libras entre um surdo e uma ouvinte. O objetivo consiste em demonstrar a coconstrução das emoções enquanto fabricação dos sentimentos na situação analisada. A pesquisa é qualitativa, na perspectiva da Análise da Conversa, de natureza multimodal. Na abordagem teórica, foram utilizados estudos sobre o humor, a ironia e também sobre os diferentes meios de formular explicações sobre as ações dos participantes durante a interação. Como procedimento de geração e análise dos dados, foram desenvolvidas tradução/transcrição do vídeo disponível no Canal *Youtube*. A partir da análise, compreendemos que o humor e a ironia foram expostos como formas de explicações e como estratégia sócio interacional para autopreservação da imagem e defender a face de perguntas provocar uma situação embaraçosa e constrangedora.


**Palavras-chave:** Libras. Emoções. Análise da Conversa. Interação. Sociolinguística

### Introdução

A Libras só foi reconhecida no Brasil como língua oficial em 2002, por meio da lei 10.436, a partir desse período começou-se a abrir espaço para as pesquisas na área e a pensar na formação acadêmica de professores e intérpretes de Libras. Em 2006 foi criado o primeiro curso presencial de Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Além da CAPES, este trabalho recebeu apoio do Programa Interno de Bolsas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – (UESB/Brasil).

<sup>2</sup> Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [isabelle\\_araujo@id.uff.br](mailto:isabelle_araujo@id.uff.br)  <https://orcid.org/0000-0002-2689-8838>.

<sup>3</sup> Doutora em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993). Professora Associada II da PUC-Rio no Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem. Orientadora de teses de doutorado e de dissertações de mestrado. Supervisora da Linha de pesquisa Discurso, vida social e práticas profissionais, Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/ PUC-Rio Linguagem, Cultura e Trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [mgdpereira@terra.com.br](mailto:mgdpereira@terra.com.br)  <https://orcid.org/0000-0003-1084-3266>.

um importante marco no campo científico e no campo político para os surdos brasileiros. Este breve panorama histórico mostra como as pesquisas na área envolvendo os surdos e a língua de sinais são recentes no Brasil, e há poucas pesquisas voltadas às questões interacionais da Libras (SOUZA e BARCELLOS, 2016). Deste modo, o presente estudo pretende contribuir com futuros estudos voltados para os usuários da Libras e para a forma como eles agem através da linguagem.

A fim de compreendermos a interação em Libras, a partir da perspectiva dos próprios usuários da língua, escolhemos como campo de investigação o ciber espaço. Pois, o mundo online apresenta-se como um local de resistência para grupos minoritários, um espaço mais democrático que o mundo offline, em que as minorias podem se expressar de forma mais livre (NOVELI, 2010). Durante a investigação pela internet, descobrimos vários canais em Libras que versam sobre as mais variadas temáticas, tratando de tópicos como quadrinhos e séries de televisão voltados ao movimento LGBTQ surdo. Depois de fazermos o mapeamento, optamos por analisar um canal em que há surdo e ouvinte interagindo em Libras de forma mais próxima à conversa espontânea da interação face-a-face no mundo não virtual.

O canal selecionado para a análise inicialmente foi criado com o propósito de falar sobre as dificuldades cotidianas dos surdos e dos cadeirantes, mas também traz temas envolvendo relacionamentos amorosos e de amizade. Ao vermos os vídeos que tratavam de questões sobre namoro e amizade, decidimos investigar as emoções presentes na conversa entre *youtubers*, pois as emoções fazem parte da prática social (REZENDE E COELHO, 2010; REZENDE, 2002; LADEIRA, 2015), sendo necessária a demonstração em determinadas situações sociais. Este trabalho está alinhado à perspectiva sócio interacional e discursiva das emoções (LADEIRA, 2015; OCHS e SCHIFFELIN, 1989). Desse modo, levantamos a seguinte questão: 1) Como ex-namorados e amigos gerenciam emoções na conversa em Libras?

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: 1) Discutiremos sobre a perspectiva teórica de emoções que estamos seguindo neste estudo; 2) Discorreremos sobre a Libras, a fim de diferenciarmos o que é verbal e o que não é verbal na língua de sinais; 3) Falaremos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados para geração e análise dos dados; 4) Analisaremos os excertos traduzidos e transcritos, a fim de percebermos a sequencialidade da conversa em Libras; por fim 5) Traremos as considerações finais.

### **As emoções a partir de perspectiva social**

Rezende (2002) toma como base de seus estudos Lutz e White (1986). Segundo os autores, as emoções são idiomas que negociam e definem as relações sociais. A partir desta concepção Lutz e Abu-Lughod (1990 apud Rezende, 2002) propõem a análise das emoções como sendo atos pragmáticos, “nas situações sociais específicas em que elas são expressas” (REZENDE, 2002, p. 74). Rezende (2002) parte dos estudos de Lutz e Abu-Lughod (1990) e de Lutz e White (1986) para poder definir as emoções como um conjunto de atos pragmáticos e de performances comunicativas. Segundo a autora, as emoções devem ser vistas como práticas situadas, altamente dependentes do contexto e dos atores sociais envolvidos. Não é possível analisar as emoções como algo estanque. Assim, para entender um discurso emotivo é preciso analisar quem fala, para quê, por quê e para quem.

Partindo-se dessa percepção de emoção, Rezende (2002) procura investigar quais são as emoções envolvidas nas relações de amizade. Durante a pesquisa de campo, Rezende (2002) observou que as relações de amizade eram permeadas por mágoas, grosserias e ressentimentos. Se por um lado os participantes entendiam que nas relações de amizade não havia necessidade de excesso de polidez e formalidade, por outro, quando um dos membros do grupo era impolido, ele era considerado rude, grosseiro ou estava passando por um momento difícil na vida. Assim, no decorrer da pesquisa Rezende (2002) notou poucas referências a carinho, afeição e estima nos discursos sobre amizade. O discurso sobre amizade era permeado por “senso de humor em comum, espontaneidade, revelações pessoais, confiança e apoio mútuo” (REZENDE, 2002, p. 69)

Neste trabalho será utilizada essa definição de emoção para podermos compreender as emoções envolvidas no discurso de amizade em Libras. Apesar de propor o estudo das emoções como uma prática situada, que está relacionada ao contexto da interação, a autora traz poucos dados relativos à interação. Por isso, discorrerei também sobre emoções a partir de um ponto de vista interacional, em que é possível perceber a fala emotiva através da sequencialidade da conversa.

### **A manifestação das emoções no campo sócio discursivo**

Ochs e Schieffelin (1989) trazem as emoções para o campo discursivo, e trabalham o conceito de afeto como um termo mais amplo do que emoção, pois inclui “sentimentos, modos, disposições e atitudes associadas a pessoas e/ou situações” (OCHS e SCHIEFFELING, 1989, p. 7, tradução livre). De acordo com as autoras, o afeto pode se manifestar de duas formas, através de uma linguagem verbal e de uma linguagem não verbal. No canal verbal, os usuários de uma língua indexicalizam um tipo particular de afeto através de manifestações linguísticas, como um intensificador, um adjetivo, um advérbio, a maneira como fazem referência aos seres animados e inanimados, e ainda a prosódia própria de um idioma. Já o canal não verbal, corresponde à forma como os usuários de uma língua utilizam as expressões faciais, os gestos e a orientação do corpo para poderem indexicalizar o afeto.

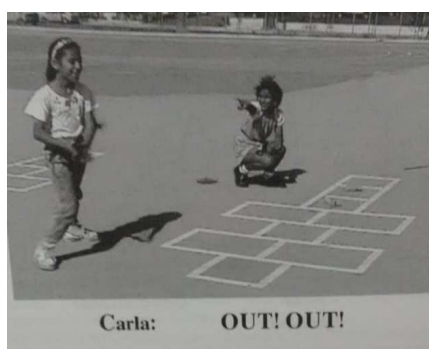
Torna-se relevante ressaltar aqui que a pesquisa desenvolvida por Ochs e Schieffelin (1989) foi desenvolvida com base nas línguas orais, ficando evidente o que são os canais verbais e não verbais de comunicação. Se transpusermos as categorias analíticas das autoras para as Línguas de Sinais (LS's), veremos que não é possível definir o canal não verbal pelo qual o afeto é indexicalizado a partir dos parâmetros estabelecidos por Ochs e Schieffelin (1989). Pois, expressão facial, gestos e orientação do corpo, são elementos linguísticos da Libras. Na próxima seção abordaremos com mais detalhe os canais verbais e os canais não verbais das LS's. Por enquanto, nos ateremos às discussões sobre afeto desenvolvido nas Línguas Orais, pois existem algumas semelhanças que podem ser utilizadas como base teórica para a análise em LS's.

Ochs e Schieffelin (1989), ao trabalharem a relação do afeto com a simbolização linguística, afirmam que o afeto pode ser exibido por meios linguísticos, funcionando como chave na conversa cotidiana. Ou seja, através das manifestações linguísticas dos afetos, os interlocutores interpretam como devem se enquadrar no discurso, fornecendo um alinhamento afetivo. Assim, a chave afetiva funciona como uma pista crítica, fornece uma orientação afetiva para os interlocutores, através da qual é possível ao interlocutor iniciar um tópico subsequente. Além disso, a chave afetiva permite iniciar ou terminar determinados eventos. De acordo com as autoras, os eventos rituais, as chaves afetivas, são frequentemente formulaicas e altamente salientes.

Apesar de falarem sobre os canais não verbais, Ochs e Schieffelin (1989) não demonstram através de dados empíricos como a linguagem não verbal poderia indexicalizar um discurso afetivo na conversa cotidiana. Em um estudo posterior ao de Oschs e Schieffelin (1989), Goodwin (2003) demonstra, através de dados empíricos da interação em uma brincadeira de meninas, como a entonação de voz e os aspectos não verbais indicam as emoções que estão envolvidas na interação.

Goodwin (2003) traz duas situações em que há uma interação de ordem emocional; uma delas é uma brincadeira entre meninas, e a outra, um jantar de família em que há uma pessoa com afasia severa. Em ambos os casos, Goodwin (2003) procura demonstrar que é possível identificar as emoções a partir da análise da sequência de ações, e não por meio da semântica das palavras. Esta sequência contempla as expressões corporais e faciais.

Na situação em que ele descreve a interação entre as meninas, há uma disputa para ver de quem é a vez no jogo de amarelinha. A reivindicação sobre quem tem o direito da vez na brincadeira é carregada de emoções. No momento em que Glória pisa na linha, Carla grita a palavra “fora” em torno de 663 e 673 Hz, enquanto, em interações cotidianas em que não há emoções envolvidas, a média de decibéis é de 250 e 350 Hz. Glória não aceita, então Carla, junto à fala gritada, reproduz com o corpo a ação que gerou o conflito. No argumento de Carla, Glória havia perdido a vez, pois tinha pisado na linha. Carla mostra então como o fato havia acontecido, como ilustram as imagens abaixo.



**Figura 1.** Fora (GOODWIN, 2003, tradução livre) **Figura 2.** Andou até aqui (GOODWIN, 2003, tradução livre)

Como Glória não aceita os argumentos de Carla, elas brigam. Nesta interação, a brincadeira entre as meninas é permeada pela raiva, pela ira e pelo ressentimento. Todas essas emoções são vistas e interpretadas a partir dos gritos, do dedo indicador junto à ação quando Carla grita a palavra fora, e dos movimentos corporais. Assim, é possível entender que as

emoções são interpretadas a partir de aspectos pragmáticos da interação, e não da semântica das palavras. Esse argumento de Goodwin (2003) se sustenta quando ele descreve a interação familiar em que uma pessoa com afasia severa fala apenas sim (yes), não (no), e uma variação do sim (yeah). Rob tem afasia, e quando expressa emoções como alegria ou descontentamento, há uma variação acerca do tom das palavras. Em casos de extremo contentamento, Rob chega a falar myeah ao invés de yeah. A partir dessas situações, Goodwin (2003) defende a ideia de que as emoções são uma prática situada residente numa posição específica da interação. E, é possível perceber quais são as emoções envolvidas na interação a partir da dramaticidade da fala, do estilo de fala enfático, que está presente em picos de envolvimento narrativo, e do uso de certas posturas e de gestos do corpo. Como veremos na análise de dados, na interação em Libras todas essas questões funcionam como unidades relevantes para a análise de emoções.

Assim como Goodwin (2003), Ladeira (2015) examina de que forma os atores utilizam as emoções em audiências de conciliação como estratégia para poderem defender a face. De acordo com a autora, nas audiências de conciliação, espera-se que as emoções negativas aflorem, mesmo com a presença do mediador, o qual deve garantir que o reclamante e o reclamado não entrem em confronto direto. Ladeira (2015) concebe a emoção como um elemento do contexto, isto é, a sua definição é resultado de uma negociação em situações específicas nas quais ela é expressa. Assim sendo, ela selecionou trechos em que os participantes demonstram o que estão sentindo, e trechos em que os participantes negam os sentimentos demonstrados e interpretados pelo outro.

Ao analisar os excertos da interação em audiências de conciliação, Ladeira (2015) verificou que, antes de iniciar um pedido de indenização, o reclamante dá ênfase às emoções negativas, utilizando formulação extrema para intensificar o dano sofrido. Assim, expressões como “grande demais” foram recorrentes para fazerem referência à perda ou ao dano sofrido pela parte reclamante. Ladeira (2015) ressalta ainda que as emoções podem ser mobilizadas na interação como estratégia para defender a face. Ou seja, a reclamante pode utilizar uma narrativa de dor e de sofrimento para poder alcançar a empatia do público, mudando o enquadre da interação. Assim, ao mudar o enquadre, a reclamante tenta criar uma imagem positiva sobre si mesma, “deslocando a sua imagem de devedora e irresponsável para uma pessoa trabalhadora” (LADEIRA, 2015, p.110). Por último, Ladeira (2015) demonstra que as

expressões das emoções são dependentes do tipo de atividade na qual os participantes estão inseridos.

Dessa forma, tomando a audiência de conciliação como exemplo, a expressão de emoções como raiva, mágoa e ressentimento, não se tornam adequadas, pois a situação sugere que é um espaço para que os conflitos sejam solucionados amigavelmente. Assim, no excerto analisado por Ladeira (2015), a parte reclamante e a parte reclamada entram em conflito direto, sendo necessária a intervenção do mediador, que relembra de forma enfática o propósito da interação. Quando o mediador questiona se as partes estão brigadas, ambas respondem em uníssono um prolongado “não”, negando o confronto direto que havia acontecido nos turnos anteriores.

Ladeira (2015) traz contribuições significativas para o estudo de emoções no campo discursivo. A partir da pesquisa desenvolvida pela autora podemos entender a emoção como uma ação expressa discursivamente, que é dependente do contexto. E, não necessariamente, uma fala emotiva precisa ter uma solidariedade afetiva por parte dos interlocutores.

A partir das discussões acima, este trabalho se alinha à ideia de que as emoções são construções sociais, expressas de forma sócio discursiva em práticas situadas, as expressões emocionais utilizam tanto canais verbais como não verbais. Ao ter em vista essa concepção com a qual trabalharemos as emoções na conversa em Libras, elucidaremos a diferença entre o que é verbal e o que não é verbal em Libras. Esta distinção será útil para a posterior análise de dados.

### **Expressões faciais, uso do espaço e corporalidade em Libras**

Nesta seção procuro discutir o uso do espaço, das expressões não manuais (ENM), da corporalidade, do apontamento, como elementos textuais próprios da língua de sinais, que são recursos linguísticos e gramaticais utilizados no discurso em Libras para se estabelecer a coesão e a coerência em um texto sinalizado. Vale ressaltar que o foco deste trabalho não é uma análise textual em Libras, e sim as ações conjuntas dos participantes na interação em sinais. Entretanto vamos discorrer sobre os aspectos gramaticais e textuais para compreender o significado desses mesmos recursos no campo discursivo.



Aqui, uma narrativa é entendida enquanto evento reportado situacionalmente, a qual é útil para podermos compreender como os indivíduos agem em sociedade. Para fazer uma análise da narrativa em Libras, sem incorrer em qualquer forma de preconceito ou reducionismo linguístico, é necessário que fiquem claras as características textuais de um discurso sinalizado. Pois, por ser uma língua de modalidade espacial visual, torna-se fácil pensar que, quando os surdos contam histórias, eles estão utilizando gestos, fazendo mímica ou pantomima da história narrada. Veremos adiante que os movimentos do corpo, as ENM, a apontação e o uso do espaço não podem ser reduzidos a gestos.

Existem estudos que tratam da gestualidade na conversa nas línguas orais (KENDON, 1973; GODWIN, 2003). Vemos nesses estudos que os gestos e as expressões faciais são aspectos não-verbais e geralmente acompanham a fala. Na Libras, as expressões não manuais, a forma como o sujeito articula o corpo e faz apontações, são, na grande maioria das vezes, gramaticais.

Pimenta e Quadros (2009), ao discorrerem sobre as expressões faciais, argumentam que elas podem assumir funções gramaticais ou afetivas. Se forem de ordem gramatical, as expressões podem funcionar como intensificadores, como adjetivadores ou ter uma função sintática, e fazem concordância com os sinais. Já as expressões afetivas são diretamente relacionadas às emoções, como ilustrado no exemplo abaixo por Pimenta e Quadros (2009, p. 15).

A partir de uma revisão bibliográfica acerca dos estudos desenvolvidos na área de Libras, foi possível perceber que a grande maioria das pesquisas envolvendo gestualidade, espacialidade, anáforas, dêixis e dêiticos, tiveram como foco o estudo de narrativa (MOREIRA, 2007; PIZZUTO et.al., 2006; LIDELL, 1995; ARAUJO, 2016). Assim, a narrativa em Libras foi utilizada como objeto para os pesquisadores poderem entender como os sinalizadores utilizam o espaço, as ENM, a corporalidade e o apontamento. Estes estudos procuraram trazer contribuições tanto para campo discursivo quanto para os estudos linguísticos em Libras.

No que diz respeito ao uso do espaço, existem funções gramaticais, textuais e discursivas. Assim, em Libras, o espaço pode ser utilizado para marcar tempos verbais, presente, passado e futuro. Ou seja, quando o sinalizante produz o sinal no espaço neutro, a sentença encontra-se no presente. Se o sinalizante inclina o corpo um pouco para frente, esta



ação pode ser acompanhada do sinal FUTURO, com a configuração de mão (CM) em F, o movimento (M) em semicírculo de dentro para fora, a orientação da palma da mão (Or) virada para o lado de dentro. A sentença está situada no futuro. E, quando o sinalizante inclina o corpo um pouco para trás, podendo produzir o sinal PASSADO, a sentença está situada no passado.

Além disto, a forma como o sinalizante articula o corpo no espaço pode servir para indicar referentes presentes ou referentes ausentes, ou ainda indicar uma situação específica (PIMENTA; QUADROS, 2009). Uma vez feito isso, o locutor pode retomar anaforicamente a informação por meio do olhar ou da apontação. Nas LS's, a apontação e o olhar, são elementos dêiticos das línguas de sinais (MOREIRA, 2007; PIZZUTO et.al., 2006).

De acordo com Araújo (2016), o uso do espaço nas narrativas em Libras tem algumas funções específicas como descrever o cenário em que ocorre a narrativa, situar os personagens da história, marcar a fala do narrador e a fala dos personagens. Em sua pesquisa, Araújo (2016) descreveu 4 formas de uso do espaço, o espaço token, o espaço sub-rogado, o espaço real e o espaço não marcado. O espaço real refere-se a seres animados e inanimados presentes no campo visual do sinalizador. Assim, quando o sinalizador desejar incluí-los no discurso, ele pode olhar em direção à pessoa e/ou ao objeto, ou então apontar na direção. O espaço sub-rogado está localizado à direita e à esquerda do sinalizante. Assim, quando o sinalizante desejar se referir a um personagem de forma direta, ele inclina o corpo para a direita ou para a esquerda, e incorpora as características do personagem.

É importante ressaltar que uma vez estabelecido o local do personagem no espaço, ele deve permanecer no mesmo local, a não ser que o sinalizante queira indicar uma ação de movimento, transferindo o personagem para outro local. O espaço é um espaço mais limitado, que permite a produção do discurso indireto. Neste caso, o narrador aponta para o local onde se encontra o referente; neste caso é um mapa mental, pois o referente não está presente, mas é uma informação comum aos participantes da conversa, e reporta a fala dos personagens. A pesquisa desenvolvida por Araújo (2016) foi feita com base nos estudos de Liddell (1995) sobre a ASL. Assim, além dos três espaços descritos pelo autor, a autora descreveu um espaço a mais ao avaliar a narrativa de surdos na cidade de Brasília. A partir disso vemos a importância do uso do espaço para a produção textual sinalizada, com o jogo de papéis, a

apontação, o uso adequado do espaço sub-rogado, do espaço token e do espaço real, para que o discurso produzido seja coeso e coerente.

## Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho adoto uma metodologia de base qualitativa virtual (MENDES, 2009), em consonância com os parâmetros da análise da conversa (AC) e a observação online. De acordo com Mendes (2009), o avanço da tecnologia fez com que a interação mediada pelo computador (IMC) se tornasse uma realidade cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. No ciberespaço, as pessoas firmam identidade, participam de grupos e interagem. Muitos grupos minoritários utilizam o espaço virtual como forma de empoderamento, pois no mundo online eles criam um espaço para poderem discutir questões relacionadas ao mundo offline. Mendes (2009) ressalta que a pesquisa qualitativa online pode ocorrer de duas formas: uma maneira seria desenvolver essa pesquisa como uma extensão da pesquisa iniciada no mundo *off-line*; a outra seria a pesquisa feita exclusivamente no ambiente virtual.

Na pesquisa exclusivamente online, o pesquisador pode fazer a observação de grupos em redes sociais, de interação em plataformas virtuais, de *sites*, de *blogs*, de *vlogs*, além de poder realizar entrevistas online e criar grupos focais online. De acordo com Mendes (2009) a pesquisa online possui algumas vantagens como: a flexibilização de fronteiras, a diminuição de custos da pesquisa, já que esta pode ser realizada em casa, e a facilidade de gerar dados, uma vez que eles já foram produzidos e estão disponíveis no mundo virtual.

Devido à grande participação dos surdos nas redes sociais – em especial há alguns canais no *Youtube* produzidos por surdos – e por ser um espaço ainda pouco estudado no campo da Libras, optamos pela pesquisa online. Como desejávamos investigar a interação em Libras, escolhemos um canal que se aproxima mais da conversa espontânea, pois não tem um roteiro pré-definido para as gravações e os Youtubers abordam temas relacionados à vida cotidiana.

Através da AC é possível analisar a sequencialidade da interação, bem como os pares adjacentes emergentes na conversa. Esta perspectiva é relevante para o trabalho, pois trato das metáforas e do humor que acontecem quando os participantes da conversa estão em interação.

Assim, ao utilizar a AC como teoria e método, procuro fazer uma micro análise da conversa, observando pausas, sequencialidade, adjacência e preferência, noções fundamentais para podermos compreender como os usuários da Libras agem quando estão em copresença uns dos outros.

## Geração dos dados

Os dados foram gerados a partir de uma busca desenvolvida na plataforma virtual, *Youtube*. O canal no *Youtube*, enquanto gênero digital, permite que uma pessoa possa desenvolver uma sequência de vídeos e falar sobre um assunto específico. Este gênero tem se revelado apropriado para os surdos poderem falar acerca da sua língua e da sua cultura. Atualmente o *Youtube* possui canais abrangendo temáticas diferentes. Há vídeos voltados para ensino aprendizagem da Libras, divulgação de movimentos LGBT, divulgação de associação de surdos e de movimentos surdos, quadrinhos, cinema, séries de televisão e culinária. Estas foram algumas das temáticas mapeadas na pesquisa.

O canal escolhido para análise foi um canal em que há um surdo e uma ouvinte, que conversam em Libras. Os vídeos não são desenvolvidos com base em um script, aproximando-se mais da conversa espontânea, motivo pelo qual optamos por analisar vídeos deste canal. Além disso, os protagonistas dos vídeos são dois youtubers, interagindo entre si e com o público a quem se destina a apresentação. Diferentemente dos outros canais em que geralmente são gravados com base em um *script* anterior, há apenas um protagonista interagindo com a audiência. O canal +Libras – como será chamado no trabalho para poder preservar a identidade dos participantes – até o momento em que levantamos os dados possuía 10.403 inscritos. O primeiro vídeo foi lançado em 2016. O canal +Libras possui vídeos que tratam principalmente dos temas: língua, comunidade surda, acessibilidade, relacionamentos amorosos e amizade. O vídeo escolhido para a análise foi postado em dezembro de 2017.

A fim de preservar a identidade dos youtubers do canal +Libras, optamos por utilizar a configuração de mão (CM) dos sinais próprios, ao lado colocamos nomes fictícios em português apenas para fins didáticos e ilustrativos, conforme demonstramos na tabela 1.

**Tabela 1.** Representação da identidade dos participantes na pesquisa

Configuração de Mão (CM)	Nomes Fictícios
B	Eduarda
F	Bernardo

De acordo com (SOUZA; GEDIEL, 2017), os sinais próprios são um importante elemento da cultura surda, pois a partir do momento em que a pessoa está inserida na comunidade, ela recebe um sinal que está relacionado com alguma característica própria. Para que o sinal tenha significado dentro da comunidade surda, é preciso que a ele se vincule um dos seguintes parâmetros: Configuração de Mão (CM), Locação (L), Movimento (M), Expressão não manual (ENM) e Orientação da palma da mão (Or). Assim, optamos por utilizar a CM do sinal próprio das pessoas sinalizantes, que fazem parte do vídeo escolhido para análise, como forma de trazer para este trabalho o aspecto da cultura surda e ao mesmo tempo preservarmos a identidade dos participantes.

### Transcrição em Língua de Sinais

McCleary, Viotti e Leite (2010) argumentam sobre a falta de uma escrita de sinais amplamente aceita pela comunidade surda e por linguistas da área, falta essa que dificultaria um sistema convencionado de transcrição das línguas de sinais. Como a escrita ainda é a forma estabelecida no meio acadêmico, criou-se um sistema de glosas, com a intenção de sanar essa lacuna existente entre as línguas de sinais e a representação gráfica da língua. O sistema de glosas, então, é quando “uma palavra em inglês (ou em outra língua oral) é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente” (MCCLEARY, VIOTTI e LEITE, 2010, p.267). Mesmo adotando o sistema de glosas, os autores reconhecem a simplicidade e a limitação deste, pois as glosas não são capazes de capturar toda a complexidade das línguas sinalizadas.

Embora o modelo de glosas seja utilizado por muitos estudos em línguas de sinais, tanto no Brasil como em outras localidades, acreditamos que ele contempla apenas os itens lexicais da Libras, não capturando os aspectos prosódicos e pragmáticos das línguas de sinais. Consideramos que outro ponto de limitação das glosas é em relação à modalidade das línguas, pois ao reproduzirmos os itens lexicais em caixa alta, acabamos por incorrer na tradução de uma língua de modalidade espacial visual para uma língua de modalidade oral auditiva, sem, no entanto, respeitar a estrutura sintática do português, o que torna o uso apenas das glosas incompreensível. O que muitos autores como McCleary, Viotti e Leite (2010) acabam fazendo é utilizar uma linha com as glosas, e a outra com a tradução em língua portuguesa.

Decidimos utilizar as glosas associadas às imagens por acreditarmos que esse método é uma forma de aproximar o leitor da Libras. Assim, como sistema de transcrição, nós utilizamos uma tabela com a tradução em língua portuguesa e utilizamos algumas imagens dos sinais que são relevantes para análise. As imagens neste estudo são importantes para ilustrar aspectos não verbais em língua de sinais, e mostrar que, apesar de as expressões não manuais serem unidades gramaticais da Libras, muitas vezes elas assumem significados interacionais e não linguísticos ou gramaticais. A tabela 2 traz os critérios de transcrição que foram utilizados.

**Tabela 2.** Critérios de transcrição

Critérios de Transcrição			
Tradução da Libras para Português		Glosas em Libras	
(( ))	Comentário do tradutor	<b>PALAVRA EM MAISCULO</b>	Item lexical em Libras
(.)	Micropausa	<b>PALAVRA EM MAIÚSCULO +</b>	Aumento da frequência do sinal
[ ]	Sinalização simultânea	<b>PALAVRA EM MAIÚSCULO ++</b>	Aumento da frequência do sinal e da expressão facial
...	Prolongamento do sinal em Libras= Prolongamento da fala em Língua Portuguesa (LP)	<b>PALAVRA EM MAIÚSCULO X1</b>	Refere-se ao complemento do verbo que concorda com a primeira pessoa.

.	Pausa entre sentenças.	( )	Descrição do movimento do sinal
(0.5)	Pausa em décimo de segundos	(( ))	Descrição do classificador <sup>4</sup>

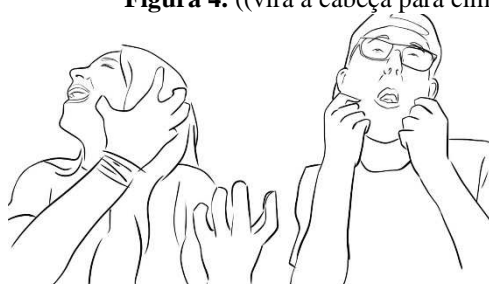
## As emoções na conversa entre amigos

### Excerto 1- O Fingimento de emoções negativas



01 02	b	Eduarda, porque vocês dois não namoram? Porque não namora com o Bernardo? Vocês dois parecem que combinam perfeitamente.
03 04	f	Anh?! Porque o signo dele é aries, e eu odeio((fecha os olhos e vira a cabeça)).
05 06	b	[Ela é chorona. Ela chora demais. Gosta de muito carinho Uuuhhh, fico irritado]
07	f	[Ele briga muito comigo, deus que me livre. Não]
08	b	Só por isso (.) acabou (.)
09	f	((risos))Brincadeira, parece que nós dois somos amigos. Está ótimo.
10	b	É já era. Já era. Acabou

<sup>4</sup> Classificador de acordo com Bernardino (2012 apud SUPALLA, 1986), “classificadores seriam morfemas utilizados nesse tipo de verbos. Nesses morfemas, mãos e corpo seriam articuladores para indicar o nome do referente, ou o agente da ação” (BERNARDINO, 2012, p. 251).

**Figura 3.** ODEIO, linha 03.**Figura 4.** ((vira a cabeça para cima)), linha 03**Figura 5.** EDUARDA: [BRIGAR\_X1], linha 06  
BERNARDO [CHORAR], linha 04**Figura 6.** ((Expressão facial de nervoso)), linha 0**Figura 7.** ((risadas)), linha 08**Figura 8.** BRINCADEIRA, linha 09

No excerto 1, um dos seguidores dos youtubers faz uma pergunta de ordem pessoal, Bernardo lê a pergunta e em seguida traduz a pergunta para Libras. Depois de alguns segundos de pausa, Eduarda faz uma expressão que foi traduzida como Annhh na Língua



Portuguesa, mas não vocaliza, tendo a função de uma expressão que seria um marcador discursivo na Libras. Após o prolongamento da expressão, ela dá a resposta, justificando a impossibilidade do relacionamento por causa do signo de Bernardo. Como o signo está relacionado a características comportamentais, Eduarda se utiliza desse argumento para dar a resposta. Em seguida, na mesma linha, ela afirma “eu odeio”. Se olhássemos apenas o item lexical, entenderíamos que, neste turno de fala, Eduarda demonstra ter emoções negativas em relação ao Bernardo. Entretanto por meio dos aspectos não verbais da fala-em-interação vemos que não há seriedade na afirmativa de Eduarda: ela não utiliza uma expressão afetiva que comunicaria raiva, desgosto ou desafeto; o que seria representado pela sobrancelha franzida e os dentes serrados. Ela mantém a expressão neutra e em seguida vira a cabeça para a direita indicando ao seu interlocutor a falta de veracidade na sua resposta. A risada Bernardo simultaneamente ao gesto com a cabeça de Eduarda demonstra que ele se alinhou à brincadeira feita por Eduarda. E ele utiliza o mesmo alinhamento no turno subsequente.

Na linha, 05 Bernardo sinaliza uma característica que ele considera negativa em Eduarda: ela é “chorona” e isso o deixaria irritado. Ao mesmo tempo em que ele sinaliza uma característica negativa de Eduarda, ela, na linha, faz o sinal de brigar, com a palma da mão virada para ela, o que significa que o verbo brigar está concordando com o referente. Por meio da análise das expressões faciais, é possível perceber que os youtubers manifestam humor, pois eles riem, mantêm uma expressão que Pimenta e Quadros (2009) denominam de expressão afetiva de alegria. Dessa forma, as expressões faciais não concordam com os itens lexicais que indicariam a existência de emoções negativas. Na linha 09, Eduarda revela que tudo não passou de uma brincadeira, uma vez que eles são amigos. Assim, por terem uma relação de amizade, uma prática que poderia ser considerada ofensiva ou mesmo embaraçosa em outras situações sociais, torna-se uma prática aceitável e justificável através do discurso de amizade, aproximando-se das práticas de amizade descritas por Rezende (2002).

## Excerto 2- Narrativa sobre relacionamento amoroso



11 12 13	<b>b</b>	Sexta pergunta (0.3) Eu queria saber. Perguntar para você, você sabe onde vocês se conheceram (.) Como começaram a paquerar?
14	<b>f</b>	Annhh.. ((aponta com a cabeça para esquerda)). Você
15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25	<b>b</b>	Ela começou a me paquerar. No passado, lá na faculdade. Eu estava andando. Eu entrei na sala. Eu olhei de cima e baixo, e vi tinha errado, que não era. Aí ela me viu. Lindo. Ele. Vou chamar ele. Ele saiu. Droga. Aí ela ficou sonhando. Nossa eu desejo, eu quero tanto trocar uma ideia com ele. Nossa. Ficou imaginando. Que lindo! ((balança a cabeça)). Eu estava andando, aí eu perguntei. Me responderam que ficava para trás. Aí eu voltei. Aí ela me viu, e o coração dela disparou. Ela me viu entrando, parece que o cupido acertou uma flecha direto no coração dela. Foi assim que ela começou a me paquerar.
26	<b>f</b>	((balança a cabeça de cima para baixo)) eu



**Figura 9.** balança a cabeça para a direita



**Figura 10.** ELE

As imagens acima fazem referência à linha 14, no segundo turno. Após Bernardo ler a pergunta de um dos seguidores, Eduarda aponta a cabeça para a direita em direção a ele, em seguida aponta com o dedo indicador para ele, transferindo o piso conversacional para Bernardo. Assim, ela cede o seu para que Bernardo seja o narrador da história. É importante ressaltar que o apontamento na Libras, diferentemente das Línguas Orais, não corresponde a uma gestualidade, e sim a um item lexical (PIMENTA; QUADROS, 2009; PIZZUTO et. Al., 2006; MOREIRA, 2007). Na grande maioria das vezes, o apontamento funciona com um dêitico, adquirindo significado dentro de um contexto. Neste caso, é possível observar que a apontação relaciona-se a um referente presente no espaço que Lidell (1995) considera como espaço real. Por isso entendemos que Eduarda está se referindo a Eduardo, e não a outra pessoa do discurso. Neste caso, a apontação assume também significado interacional, já que

ao sinalizar ELE, a Bernardo, demonstra que está transferindo o piso conversacional (SOUZA, 2017).

Após, Eduarda ter transferido o piso conversacional para Bernardo, ela sai de cena, e Bernardo dá início a uma performance. A história contada possui uma estrutura canônica, descrita por Labov (1972). Essa estrutura é identificada pelas seguintes características: resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda. As imagens abaixo mostram a sequência do evento narrativo.



**Figura 11.** Apontamento com o polegar



**Figura 12.** PAQUERAR



**Figura 13.** PASSADO



**Figura 14.** FACULDADE



**Figura 15.** LÁ

Na linha 15, Bernardo faz um resumo da história, sinalizando que Eduarda havia começado a paquerá-lo. É essa a temática norteadora de toda a narrativa. Em seguida ele dá a orientação, sinalizando quando acontece a história, constrói o cenário e introduz o personagem. Depois de Bernardo sinalizar PASSADO, o interlocutor entende que o evento

narrado aconteceu em algum período do passado, mas Bernardo não especifica exatamente quando. Ao observarmos as imagens 14 e 15, que representam a tradução/transcrição da linha 15, vemos que a história acontece na universidade, um local que está distante do eu narrador, como indicado pela apontação. É importante ressaltar que neste contexto a apontação funciona como um dêitico de lugar, diferente do excerto anterior em que a mesma apontação tinha o significado de dêitico de pessoa. No excerto anterior, a apontação foi realizada no espaço real de sinalização em que Eduarda aponta para um referente presente, no caso Bernardo. Por isso entendemos que apontação assume o significado de um pronome pessoal: “ele”. Já neste excerto, a apontação está sendo realizada no espaço token. Bernardo introduz o referente, no caso a faculdade, e aponta para onde ela está localizada no discurso. Quanto mais próximo a apontação está do corpo, mais próximo está o referente da pessoa sinalizante.

Após a indicação do local em que se passa a história, Bernardo introduz o personagem. Então, sinaliza EU, indicando que ele é o personagem. Na linha 16, representada pela imagem 16, Bernardo assume o papel do personagem. Ele muda do espaço token para o espaço sub-rogado, incorporando todas as características do personagem, iniciando um discurso direto. Este “EU” sinalizado por Bernardo já não é mais o eu narrador, e sim o eu personagem.

Da linha 15 à linha 20 acontece a ação complicadora, em que Bernardo reporta o que aconteceu. A ação complicadora está representada pelas imagens 16 a 21. Na imagem 21, Bernardo gira o corpo para a direita, introduzindo um outro espaço sub-rogado, para animar a personagem que representa o papel de Eduarda na história. A personagem que representaria Eduarda na história é marcada pelo exagero na performance, pela intensidade na utilização de expressões faciais. A figura 21 se refere a quando Eduarda vê Bernardo pela primeira vez. Para sinalizar este momento, ele faz o sinal de “VER” que está direcionado para o local em que Bernardo estava localizado espacialmente no discurso, e, concomitantemente ao sinal, Bernardo abre a boca, numa expressão de admiração. Essa expressão indica a reação da personagem, sendo uma expressão que Quadros e Pimenta (2009) chamam de expressão afetiva e que não corresponde a uma expressão gramatical, já que o sinal de ver não exige uma concordância com as ENM.

Figura 16. *EU*Figura 17. *ANDAR ++*Figura 18. *CLASSIFICADOR DE ANDAR*Figura 19. *OLHAR (para cima)*Figura 20. *OLHAR (para baixo)*Figura 21. *OLHAR (personagem da história)*

Nas linhas 16 a 19, Bernardo faz uma avaliação, representada nas imagens 22, 23, 24 e 25. Na avaliação, Bernardo anima o pensamento da personagem Eduarda, reproduzindo através do discurso direto o que ela havia imaginado. Essas reproduções mentais ocorrem no que Araújo (2016) chama de espaço não marcado. Seria um outro espaço dentro do espaço sub-rogado. Bernardo faz o sinal de “LINDO”. Neste caso a expressão facial, a boca aberta e os olhos arregalados, compõem uma expressão gramatical, é um intensificador para o sinal de “BONITO”. Assim a expressão indicaria que Eduarda havia achado Bernardo muito bonito. Na figura 25, ele sinaliza o desejo da personagem Eduarda que seria de chamar o personagem Bernardo para conversar. Nas figuras 24 e 25, as expressões faciais afetivas, boca se fechando e boca em forma de bico, demonstram a quebra de expectativa, pois Bernardo não entra na sala de aula; ele sai.





Figura 22. LINDO



Figura 23. CHAMAR



Figura 24. SAIR



Figura 25. DROGA

Nas linhas 19 a 22, ocorre a resolução da história, quando Bernardo narra o que finalmente aconteceu. Ao sair da sala, por haver pensando que estava no local errado, ele descobre que tinha entrado na sala certa, então ele retorna. Bernardo faz uma relação com a reação fisiológica do corpo, o coração batendo, com a história grega do cupido, o deus do amor, para poder indicar que Eduarda havia se apaixonado por ele. A referência ao coração batendo, mais do que apenas uma referência à fisiologia do corpo humano, está associada a sentimentos como amor e paixão, de acordo com Rezende (2010).

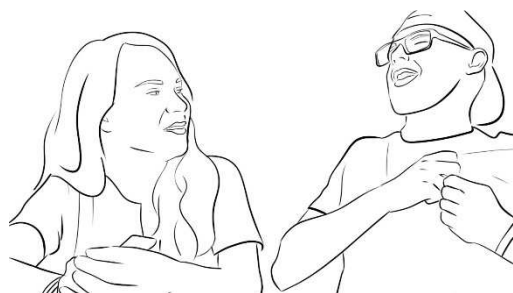
Como podemos ver nas imagens 26, 27, 28 e 29, neste momento da história, Eduarda, que até então havia ficado passiva diante da narrativa, ri, demonstrando afiliação à resolução da narrativa.



Figura 26. ((classificador de coração batendo forte))



Figura 27. ((Referência a cupido))



**Figura 28.** ((Imita uma flecha no coração))



**Figura 29.** ((Representação caricaturada de coração))

Na linha 23, Bernardo faz a coda da história, ao sinalizar “ela começou a me paquerar”. Ele ri, Eduarda balança a cabeça e aponta para ela, confirmando a história, demonstrado na imagem 32.



**Figura 30.** EU

Através deste excerto, percebe-se que Bernardo faz uma narrativa de afeto para contar como eles se conheceram, utilizando de expressões faciais para fazer formulações extremas e sugerir exageros de performance por parte da personagem feminina. Além disso, ele performa através do discurso direto o pensamento e as reações fisiológicas de Eduarda ao vê-lo, o que não passa de uma ação fabricada e teatralizada, uma vez que não temos acesso nem aos pensamentos, nem às intenções dos outros. Apesar de tratar o encontro dos dois de maneira jocosa e exagerada, Eduarda se afilia a narrativa, confirmando o evento narrado. Por ação fabricada nós seguimos a perspectiva de Goffman (1974), que compreende a ação fabricada como:

um esforço intencional de manipulação, por um ou mais indivíduos, de forma que pelo menos um dos outros seja induzido a uma falsa crença sobre o que está acontecendo (cf. Goffman, 1974, p. 83). As fabricações podem ser “benignas” quando não há prejuízo dos interesses das pessoas envolvidas, como em brincadeiras (truques, mágicas, “pregar peças”), treinamento dissimulado em estágios, simulações para testar eficiência de serviços etc. Podem ser também “exploradoras”,



quando se viola claramente os interesses privados de uma parte da comunidade participante. Os “contos-do-vigário”, tipos de logros e embustes baseados em dramatizações, são variantes sociais muito conhecidas desses mecanismos e foram objeto de análises por Goffman desde seus escritos sobre a ordem interacional (NUNES, 2007, p. 260).

No próximo excerto, veremos como Bernardo e Eduarda tratam com humor e ironia uma interação que, se fosse produzida em outra situação, poderia ser embaraçosa para ambos.

### O humor entre amigos

27 28	B	Sete. Pergunta. Tudo bem Bernardo? Já ficou com a Eduarda? Você dois
29	F	((balança a cabeça de um lado para o outro))
30 31	B	((balança a cabeça de um lado para o outro))Não ((vocalizado)) ((Faz um sinal de pinça no nariz))
32	F	((risos))
33	B	((risos))



**Figura 5.** (CM: Pinça, L: Nariz, M: Varios)



**Figura 6.**(( Risos))

Após Bernardo ter performado a história de como eles se conheceram, Bernardo faz a tradução da pergunta, nas linhas 27 e 28. Um dos seguidores dos youtubers gostaria de saber se eles já haviam tido um relacionamento amoroso. Pela narrativa anterior a esta pergunta, já era de conhecimento comum ao público que os dois haviam sido namorados. Mas, ao dar uma resposta negativa, quando Eduarda balança a cabeça de um lado para o outro e Bernardo vocaliza a palavra não, eles fazem uma brincadeira com uma negativa falsa. Ambos riem (linhas 32 e 33), indicando que a negativa é falsa, pois significa uma resposta afirmativa a

pergunta feita no turno anterior, mas ao invés de apenas responder que sim, eles decidem fazer uma brincadeira, respondendo de forma irônica. Ao fazerem isso, eles agem de forma descontraída, com pouca formalidade, característica de uma conversa entre amigos. Através da dança conjunta demonstrada na sequencialidade dos turnos de fala, Bernardo e Eduarda utilizam o humor e a ironia como forma de performar uma situação que poderia ser embaraçosa se eles estivessem em outra situação.

## Conclusão

Por meio da análise sequencial da conversa em Libras entre os Youtubers, foi possível perceber o humor, a ironia e o exagero como característica da relação de amizade existente entre Bernardo e Eduarda. Por meio da pragmática do afeto, vemos que os sentimentos que circunscrevem as relações de amizade são social e situacionalmente construídos. Através da análise da conversa de amigos é possível compreender os sentimentos envolvidos, e qual a função sócio interacional da exposição dos sentimentos. Nos excertos analisados, o humor e a ironia foram expostos para responder perguntas que poderiam ser embaraçosas e causar constrangimento para os youtubers, uma vez que teriam que expor publicamente questões de ordem privada. Assim, como estratégia de autopreservação da imagem e da defesa da face, os Youtubers decidiram responder de forma bem-humorada, através de uma teatralização exagerada da exposição dos sentimentos. Essa estratégia só foi possível por se tratar de uma relação de amizade. Em outra situação a teatralização exagerada poderia ser interpretada como uma atitude ofensiva e impolida.

Por meio de uma abordagem social da Pragmática, foi possível compreender como questões linguísticas da Libras são utilizadas discursivamente pelos atores sociais em uma conversa cotidiana. E ressaltamos a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas e investigações no campo da Pragmática das LS's, a fim de entendermos a vida social por meio da linguagem. Este trabalho pretendeu contribuir com futuros estudos nessa linha.

## Referências

- BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n.19, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974.
- GOODWIN, Marjorie. H; GOODWIN, Charles. Emotion within Situated Activity. In: Duranti, Alessandro (Org.). *Linguistic Anthropology: a reader*. Boston: Blackwell Publishing, 2003.
- KENDON, A. The role of visible behavior in the organization of social interaction. In: CRANACH, M.; VINE, I. (Orgs.). *Social communication and movement*. London: Academic Press, 1973, p. 29-74.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354- 396.
- LADEIRA, Wania Terezinha. Gerenciando Emoções em Situações de Conflito: uma análise da interação em audiências de conciliação. In: Sônia Bitencourt Silveira; Carolina Scali Abritta; Amitza Torres Vieira. (Org.). *Linguística Aplicada em Contextos Legais*. 1ed. Jundiaí, SP: Paco editorial, 2015, v. 01, p. 114-140.
- LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, K.; Reilly, J. (Eds.). *Language, gesture and space*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.
- MARTINS Ferreira, Dina Maria; NOGUEIRA de Alencar, Claudiana. Por uma ‘nova pragmática emancipatória’. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (52.2): 271-285, jul./dez. 2013.
- MCCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. de A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Alfa*, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.
- MEIR, I. et al. Re-Thinking sign language verb classes: the body as subject. In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). In: ESPÍNDOLA, Elaine; PIRES, Thiago Blanch; FERREIRA, Carolina Vidal. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. *TISLR 9º Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Florianópolis, SC: Arara Azul, 2006, p. 87-121.
- MENDES, Conrado Moreira. A pesquisa online: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus*, n.2, Jan. 2009.
- MOREIRA, Renata Lúcia. *Uma descrição da deixes de pessoa na língua de sinais brasileira: pronome pessoais e verbos indicadores*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral), USP, São Paulo, 2007.
- NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? *Organizações em contexto*, Ano 6, n. 12, julho-dezembro 2010.

NUNES, Jordão Horta. *A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 2, 2007.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice. *Curso de Libras I*. Rio de Janeiro: LBS Vídeo, 2009.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, arie-Anne; WILKINSON, Erin. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlingüísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). In: ESPÍNDOLA, Elaine; PIRES, Thiago Blanch; FERREIRA, Carolina Vidal. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. *TISLR 9<sup>o</sup> Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Florianópolis, SC: Arara Azul, 2006, p. 87-121.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de Amizade: Um ensaio em Antropologia das Emoções. *Mana* vol.8 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2002.

SABANAI, N. L.; GRANNIER, D. M. Marcas de delimitação no discurso narrativo em Libras, in: *Anais do XVIII Congresso Internacional de Humanidades*. Brasília, 2016.

SABANAI, Noriko Lúcia, *Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras*. Tese (Doutorado em Linguística), UnB, Brasília, 2016.

SILVA, Daniel; ALENCAR, C. N; FERREIRA, Dina M. M. Introdução. Uma nova pragmática para antigos problemas. In: SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina M. M.; ALENCAR, C. N. (orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. P. 15-66.

SOUZA, Isabelle de A. L. BARCELOS, Ana M. F. Onde está a LIBRAS? Uma reflexão sobre a Língua Brasileira de Sinais no cenário da Linguística Aplicada Brasileira. *Rev. Domínios da Linguagem*. vol 10. n3a, 2016.

SOUZA, Isabelle de A. L; GEDIEL, Ana Luisa B.. Os sinais dos surdos: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (56.1): 163-185, jan./abr. 2017.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986

## The emotions in Libras: an analysis of a conversation between Youtubers

**Abstract:** The emoticons are part of social life and can be analyzed by discursive perspective about social practices. The emotions are the characteristic that are common in all of the humans, but the way how they express this or they mean this in social relation depend of culture and society. So, this paper proposal is analyzed the emotions between two person that keep conversation in sign language, being

this one deaf person and on hearing person. The focus was demonstrating how they show their emotions are created while fabrications in situated context. These is a qualitative research, with conversation analyses perspective, and multimodal kind. On the theory aspects we used studies about humor, irony and accounts. For issues the collect and dates analyses we done video's translated/transcription. From that, we understood that humor and irony could appear like an *accounts* and like a social interaction strategies for construction of image by each other and self-preservation of their face in embarrassing and shameful situation.

**Keywords:** Pragmatics. Libras. Emotions. Conversation Analyses. Interaction.

**Recebido em:** 30 de novembro de 2019.

**Aceito em:** 01 de janeiro de 2020.